

RESENHA

O DUALISMO SUBSTANCIAL SEISCENTISTA E A FUNDAÇÃO DE UMA TEORIA GERAL DAS EMOÇÕES: taxonomia e funcionamento afetivo na filosofia de René Descartes

Seventeenth-century substantial dualism and the foundation of a general theory of emotions: taxonomy and functioning of affects in René Descartes's philosophy

El dualismo sustancial del siglo XVII y la fundación de una teoría general de las emociones: taxonomía y funcionamiento afectivo en la filosofía de René Descartes

DESCARTES, René. **As paixões da alma**. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2021. 155 p. Título original: Les passions de l'âme. Publicado originalmente em 1649. ISBN: 978-65-5870-121-7.

Fábio Luiz Nunes¹

Resumo: O presente trabalho discute a obra *As paixões da alma*, do filósofo francês René Descartes (1596-1650), que empreende uma integração entre anatomia, fisiologia e metafísica para dar conta dos sentimentos humanos. O autor propõe uma separação entre mente e corpo e localiza a interação humana na glândula pineal por meio dos espíritos animais. A segunda parte classifica as afecções primitivas em admiração, amor, ódio, desejo, alegria e tristeza. A terceira seção detalha emoções derivadas, apontando a generosidade enquanto virtude central para dominar instintos. Além do exposto, Descartes defende a regulação racional das emoções fundamentada na compreensão de suas causas fisiológicas, objetivando uma vida moral virtuosa. Sugere-se que o modelo dualista teria inaugurado uma tradição médica ao cindir a dimensão racional da afetividade, engendrando tensões teóricas que reverberam na atualidade.

¹ Mestre e doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Didática, Práticas de Ensino e Tecnologias Educacionais pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), em Formação Docente para a Cultura Digital pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e em Retórica e Análise do Discurso em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Araraquara. Psicólogo pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Profissional técnico-administrativo no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3054450943770058>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0784-1921>. E-mail: fabio.nunes.fln@cefetmg.br.

O resenhista assinala a relevância teórica do filósofo francês nos debates filosóficos modernos sobre ética e mente humana.

Palavras-chave: Emoções. Dualismo cartesiano. Ética. Filosofia da mente. Filosofia ocidental moderna.

Abstract: This review examines the Portuguese translation of the treatise *Les passions de l'âme* by the French philosopher René Descartes (1596–1650), who undertakes an integration of anatomy, physiology, and metaphysics to account for human sentiments. The author proposes a separation between mind and body and locates human interaction within the pineal gland through the mediation of animal spirits. The second part classifies primitive passions into wonder, love, hatred, desire, joy, and sadness. The third section details derivative emotions, identifying generosity as the central virtue for mastering instincts. In addition to the aforementioned points, Descartes advocates for the rational regulation of emotions grounded in the understanding of their physiological causes, aiming for a virtuous moral life. It is suggested that the dualistic model inaugurated a medical tradition by bifurcating the rational dimension from affectivity, engendering theoretical tensions that persist today. The reviewer reinforces the theoretical relevance of the French philosopher within modern philosophical debates concerning ethics and the human mind.

Keywords: Emotions. Cartesian dualism. Ethics. Philosophy of mind. Modern Western philosophy.

Resumen: Esta reseña analiza la versión en lengua portuguesa de la obra *Les passions de l'âme*, del filósofo francés René Descartes (1596–1650), quien emprende una integración entre la anatomía, la fisiología y la metafísica para explicar los sentimientos humanos. El autor propone una separación entre mente y cuerpo y localiza la interacción humana en la glándula pineal por medio de los espíritus animales. La segunda parte clasifica las afecciones primitivas en admiración, amor, odio, deseo, alegría y tristeza. La tercera sección detalla las emociones derivadas, señalando la generosidad como la virtud central para dominar los instintos. Además de lo expuesto, Descartes defiende la regulación racional de las emociones fundamentada en la comprensión de sus causas fisiológicas, con el objetivo de alcanzar una vida moral virtuosa. Se sugiere que el modelo dualista habría inaugurado una tradición médica al escindir la dimensión racional de la afectividad, lo cual genera tensiones teóricas que reverberan en la actualidad. El reseñista refuerza la relevancia teórica del filósofo francés en los debates filosóficos modernos sobre la ética y la mente humana.

Palabras clave: Emociones. Dualismo cartesiano. Ética. Filosofía de la mente. Filosofía occidental moderna.

René Descartes (1596-1650), pensador francês considerado um dos pilares do racionalismo moderno, revolucionou a filosofia ao propor uma cisão entre mente e corpo em sua teoria do dualismo substancial, além de estabelecer a metodologia científica baseada na dúvida sistemática e na razão. As obras principais, como *Discurso sobre o método* (1637) e *Meditações metafísicas* (1641), consolidaram sua reputação como um dos

fundadores da filosofia ocidental moderna. Menos conhecido, mas igualmente relevante, *As paixões da alma* (*Les passions de l'âme*, publicado originalmente em 1649) é seu último trabalho filosófico, escrito em parte para a princesa-abadessa de Herford (atual Alemanha), uma de suas correspondentes e devotas estudiosas.

Nessa obra, Descartes apreende as emoções humanas sob uma perspectiva própria, integrando anatomia, fisiologia e metafísica para explicar como as paixões revelam-se da interação entre a alma e o corpo, propondo uma sistematização das seis paixões primárias e de sua utilidade para a vida humana. Ainda que menos difundido que seus textos anteriores, o livro revela aprofundamento singular na relação entre razão e afetividade, marcando um diálogo entre ciência e filosofia na Idade Moderna.

A primeira parte da obra, “Das paixões em geral e ocasionalmente de toda a natureza do homem”, funda a compreensão cartesiana das paixões na distinção alma-corpo. Paixão para um é ação para outro: mesma coisa, perspectivas distintas. O corpo (calor, movimento do coração) gera no cérebro espíritos animais; estes, por meio dos nervos, causam movimentos corporais, até automáticos, sem a alma. À alma, que pensa, cabem ações e paixões (percepções e conhecimentos recebidos). Para Descartes, a alma interage com o corpo na glândula pineal: movida por espíritos, ela os influencia reciprocamente. É aí que as paixões – percepções, sentimentos ou emoções da alma, a ela referidas, causadas, mantidas e fortalecidas por movimentos dos espíritos – têm sua causa próxima. As seis paixões primitivas elencadas pelo filósofo originariam as demais. Seu principal efeito é incitar a alma a desejar aquilo que é útil ao corpo. Além disso, propõe-se que a vontade livre modifica indiretamente as paixões, mas a força dos movimentos corporais que as acompanham pode resistir. O conflito interno oporia, então, os movimentos que o corpo e a alma tenderiam a excitar na glândula pineal. Para Descartes, a força da alma é a vontade de vencer as paixões, guiada por juízos firmes sobre o bem e o mal. Segundo ele, paixões são boas por natureza (úteis ao corpo), mas seu mau uso ou excesso deve ser evitado. Nesse sentido, o remédio defendido pelo estudioso seria, ao sentir agitação, advertir-se que a imaginação engana e adiar a ação.

Como se nota, essa primeira unidade da obra estabelece a base dualista cartesiana, dividindo o universo em mente e corpo, atribuindo fenômenos a cada um deles. Descartes busca explicar as paixões dentro desse quadro, considerando-as percepções resultantes da união corpo-alma. Essa separação fundamental, no entanto, apresenta um desafio, notado por Albuquerque, Deshauer e Grof (2003), que apontam para uma debilidade permanente do próprio modelo dualista por conta da dificuldade na distinção entre emoções intelectuais e

corporais. A obra, ao tentar conciliar essa dualidade, introduz conceitos complexos, como os *espíritos animais* e a interação mente-corpo na glândula pineal, mas, como De Preester e Dorsch (2021) observam, a tensão entre o dualismo metafísico e a união corpo-alma na experiência vivida continua não resolvida. Essa base dualista, embora pioneira, lança as sementes de uma tradição médico-psiquiátrica que separa a consciência racional das emoções, um caminho que pode parecer um “beco sem saída” hoje (Albuquerque; Deshauer; Grof, 2003). Portanto, a dificuldade em explicar a intimidade das paixões com a alma a partir de sua origem corporal é um desafio persistente que eclode dessa fundação.

Tendo estabelecido na primeira parte os fundamentos de sua teoria das paixões, detalhando a interação corpo-alma e o papel dos espíritos animais, Descartes, na segunda parte (intitulada “Do número e da ordem das paixões e a explicação das seis primitivas”), avança para sua classificação e estudo pormenorizado. Ele postula que o critério para as enumerar reside na sua função primordial de dispor a alma a querer as coisas que a natureza dita serem úteis ao corpo (arts. 51-52). A partir disso, identificam-se seis paixões primitivas (*admiração, amor, ódio, desejo, alegria e tristeza*), sustentando que todas as outras paixões são meramente espécies ou composições dessas seis fundamentais (art. 69). Cada uma das seis é, então, analisada em detalhe (arts. 70-137), abordando suas definições precisas, as causas de sua excitação (que envolvem movimentos específicos dos espíritos e alterações fisiológicas no coração, no sangue e em outras partes do corpo), seus efeitos na alma (os sentimentos e conhecimentos particulares que provocam) e as manifestações corporais associadas, como alterações no pulso, na respiração e na aparência. Essa seção finaliza com importantes reflexões morais (arts. 138-148) sobre o uso correto dessas paixões, seus possíveis excessos e a importância da razão e da virtude, especialmente a *generosidade*, para o seu controle e para a obtenção de uma vida virtuosa e feliz.

Mesmo que a abordagem vise vincular as paixões a leis causais físicas na obra de 1649, Descartes reconhece que a simples agitação dos espíritos é insuficiente para distingui-las, requerendo a consideração de suas “primeiras causas”, muitas vezes ligadas à percepção de objetos. Taylor (2017) assevera que o tratado oferece apenas uma breve introdução aos detalhes fisiológicos que sustentam essas explicações, remetendo implicitamente a outros textos de Descartes para uma compreensão mais aprofundada. Ademais, a aparente fixidez das associações naturais entre corpo e mente subjacentes à explicação inicial confronta-se com a tese cartesiana de que essas associações poderiam ser reformadas por meio da habituação, chegando a alterar a própria união corpo-alma. Essa possibilidade de dinâmica e controle sobre

as associações desafia a suficiência de uma explicação puramente baseada em movimentos corporais iniciais (Shapiro, 2003).

Prosseguindo em sua investigação do universo emocional, e após a taxonomia das seis paixões primitivas, a terceira parte do tratado, “Das paixões particulares” (arts. 149 a 212), esmiúça uma vasta gama de emoções derivadas, sempre sob a ótica da interação corpo-alma. Descartes inicia essa abordagem com a estima e o desprezo, compreendidos como espécies da admiração, e introduz a generosidade como uma paixão e uma virtude central. Esta é definida pelo conhecimento que cada um tem do seu próprio livre arbítrio e pela firme resolução de bem utilizá-lo. A generosidade desenvolve-se, assim, como o principal expediente contra os desregramentos passionais, fundamentando a verdadeira autoestima e a correta apreciação dos outros, distinguindo-se do *orgulho* (estima indevida de si) e da *humildade viciosa* (desprezo indevido de si). Por reconhecer o livre arbítrio como o único bem que verdadeiramente nos pertence, o indivíduo generoso não se deixa abalar excessivamente por bens externos ou ofensas, e respeita os demais, que também possuem essa faculdade.

A partir daí, Descartes debruça-se sobre paixões específicas como a veneração, o desdém, a esperança, o temor, a segurança, o desespero, o ciúme, a irresolução, a coragem, a ousadia, a emulação, a covardia, o remorso, a zombaria, a inveja, a compaixão, a satisfação de si próprio, o arrependimento, o favor, o reconhecimento, a indignação, a cólera, a glória, a vergonha, o fastio, o pesar e o júbilo. Em cada uma delas, detalha suas causas (movimentos dos espíritos animais ou juízos da alma), seus efeitos no corpo e na alma, e seu uso adequado ou inadequado. Reafirma-se também o poder da vontade em, através de juízos retos e da representação de pensamentos “apropriados”, governar indiretamente as paixões, visando à virtude e à felicidade, que consistem no domínio racional das emoções para “todo o bem e todo o mal desta vida” (Descartes, 2021, p. 154).

Como conclusão desta resenha, tem-se que *As paixões da alma* se apresenta não apenas como a obra derradeira de Descartes, mas como a síntese de seu sistema filosófico. Embora historicamente tenha sido ofuscado pelos tratados metafísicos, esse texto vem sendo progressivamente reavaliado, evidenciando-se sua importância para uma compreensão global do pensamento cartesiano, no qual a metafísica, a física e a ética se interconectam. Em consonância com Albuquerque, Deshauer e Grof (2003), o tratado constitui um marco pioneiro na sistematização de um amplo espectro de emoções (típicas e patológicas) embasado na busca cartesiana de fundamentar o conhecimento das paixões em métodos rigorosos, com vistas à

compreensão e também à promoção de uma vida virtuosa. Essa redescoberta filosófica reafirma sua relevância nos debates atuais de filosofia da mente e ética.

A análise cartesiana das paixões, nesse caminho, ilumina a questão da conjunção mente-corpo, concebida por Descartes como uma realidade básica e irreduzível. Não obstante o dualismo substancial pareça obsoleto diante de teorias como a cognição corporificada, ele ainda impõe desafios relevantes às abordagens contemporâneas (De Preester; Dorsch, 2021). Além disso, Descartes antecipa uma “psicologia mecânica” capaz de explicar, em termos materiais, comportamentos e perturbações emocionais iniciais (Hatfield, 2007). Essa visada fisiologista é central, mas seu rigor mecânico também permite leituras mais flexíveis, como sugere Shapiro (2006), ao aventar uma solução intermediária que coloca em cena a plasticidade das associações mente-corpo. O cerne da discussão não repousaria apenas na interação entre o material e o imaterial, mas na forma como uma paixão, enquanto afecção da alma, se relaciona com um movimento corporal – um dilema ainda vivo na ciência atual.

Por fim, a dimensão ético-prática da obra de 1649 consubstancia-se em uma psicologia moral sofisticada e determina os contornos da ética cartesiana. Deve-se reiterar que o filósofo não defendia a supressão, mas a regulação racional das paixões, baseada na compreensão de suas causas fisiológicas e na reformulação das conexões psicofísicas, distinguindo o que se pode controlar daquilo que é externo ao sujeito. Influenciado pelo neoestoicismo, ele se afasta do ideal de apatia quando reconhece a função construtiva das emoções. Ressalta-se que, para Descartes, a avaliação moral recai sobretudo sobre o estado interno do agente, não apenas sobre suas ações externas (Shapiro, 2006). Ao indicar a utilidade das paixões e os meios de moderar seus excessos, o tratado sustenta um sistema ético baseado na autoconsciência e no *éthos* racional. É nesse ponto, ao diferenciar afecções sentidas “na própria alma” de emoções puramente intelectuais, que De Preester e Dorsch (2021) localizam um desafio contínuo às teorias modernas da emoção, garantindo a perene importância heurística da produção cartesiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J.; DESHAUER, D.; GROF, P. Descartes’ passions of the soul: seeds of psychiatry?. **Journal of Affective Disorders**, [s. l.], v. 76, p. 285-291, 2003.

DE PREESTER, H.; DORSCH, J. Descartes on the passions of the soul and internal emotions: two challenges for interoception research in emotions. **Danish Yearbook of Philosophy**, Leiden (Países Baixos), v. 54, p. 65-92, 2021.

DESCARTES, R. **As paixões da alma**. Trad. Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2021. Título original: *Les passions de l'âme*. Publicado originalmente em 1649.

HATFIELD, G. The passions of the soul and Descartes's machine psychology. **Studies in History and Philosophy of Science**, [s. l.], v. 38, n. 1, p. 1-35, 2007.

SHAPIRO, L. Descartes' passions of the soul and the union of mind and body. **Archiv für Geschichte der Philosophie**, [s. l.], v. 85, p. 211-248, 2003.

SHAPIRO, L. Descartes' passions of the soul. **Philosophy Compass**, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 268-278, 2006.

TAYLOR, J. Resenha de: DESCARTES, R. The passions of the soul and other late philosophical writings. Edited by M. Moriarty. Oxford (Reino Unido): Oxford University Press, 2015. 400 p. **British Journal for the History of Philosophy**, [s. l.], p. 1-3, 2017.